

LEVANTAMENTO INÉDITO

Pouca leitura, mais cinema e muita TV

INQUÉRITO Resultados de estudo do ICS-UL e Gulbenkian sobre hábitos culturais dos portugueses já são conhecidos **PRÁTICAS** Cerca de 71% acedem à internet e 40% ouvem rádio todos os dias

VANESSA FIDALGO

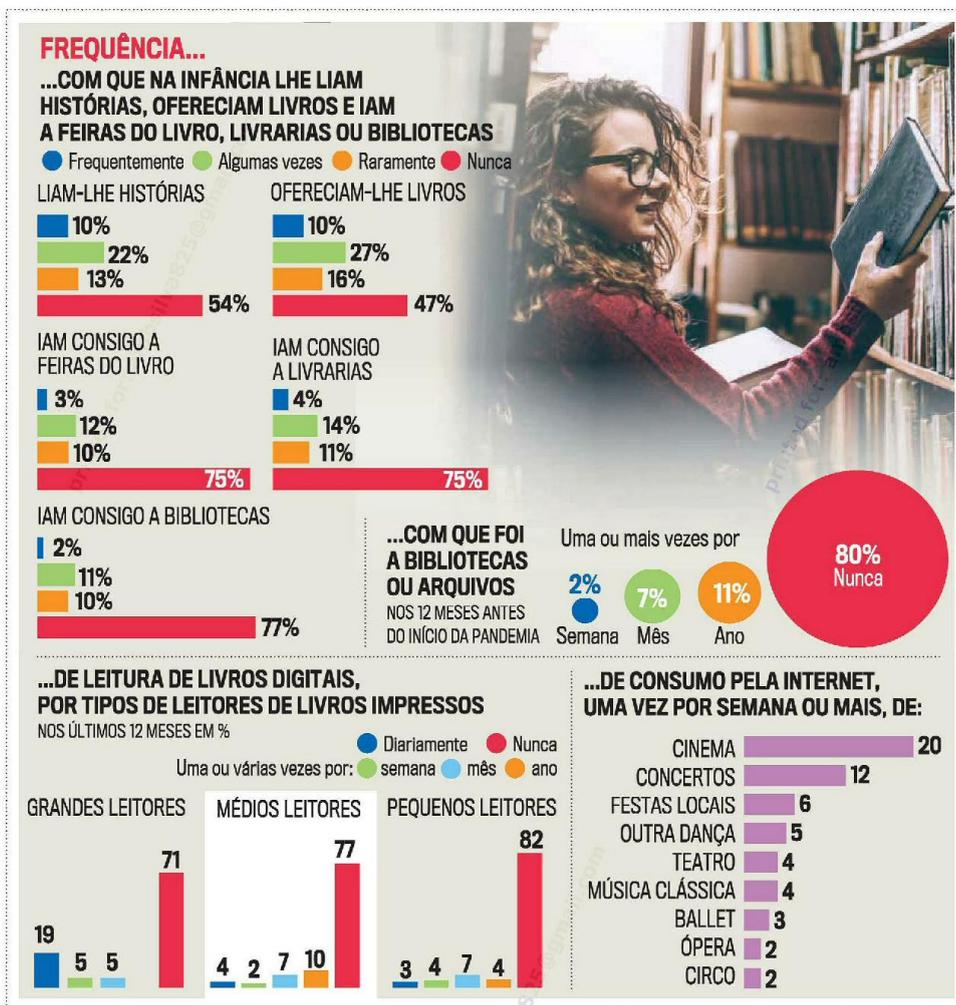
Os diminutos hábitos de leitura, a crescente presença dos mais jovens nas salas de cinema e a transferência do consumo de produtos culturais para a internet são algumas das principais conclusões do primeiro levantamento à escala nacional sobre os hábitos culturais dos portugueses. O estudo, que diz respeito ao ano de 2020, foi elaborado por investigadores do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

A percentagem de portugueses que, no último ano, não tinham lido qualquer livro impresso foi de 61%, número muito superior ao da vizinha Espanha (38%). A leitura de

ACESSO À CULTURA PELA INTERNET AUMENTOU DURANTE A PANDEMIA

livros digitais foi realizada por 10% dos inquiridos portugueses, contra 20% dos espanhóis. Os mais jovens leem mais, mas também porque a escola assim os obriga. Em contrapartida, 90% dos portugueses veem diariamente televisão, 71% acedem à internet e 40% ouvem rádio todos os dias, segundo o estudo.

Em contexto pandémico, o uso da internet no domínio cultural intensificou-se, sobretudo entre os jovens dos 15 aos 24 anos: 40% passaram a ver mais filmes e séries; 21% a ler mais livros, jornais e revistas online; e 16% a ver mais espetáculos de música. Este é também o grupo etário que vai mais vezes ao cinema. Nos 12 meses anteriores ao início da pandemia, 41% dos inquiri-



dos foram ao cinema, percentagem que duplica entre os jovens dos 15 aos 24 anos (82%).

No mesmo período, 31% dos inquiridos visitaram monumentos históricos, 28% foram a museus, 13% deslocaram-se a sítios arqueológicos e 11% frequentaram galerias de arte. No conjunto de espetáculos ao

vivo, os festivais e festas locais foram os mais frequentados (38%). Logo a seguir surgem os concertos (24%), o teatro (13%) e o circo (7%). Os mais baixos índices de assistência reportam-se a espetáculos eruditos: música clássica (6%), dança clássica (5%) e ópera (2%). “O envelhecimento da população,

os níveis de rendimentos e de educação explicam estes resultados. As novas gerações têm mais práticas culturais, mas não se mudam hábitos de um dia para o outro”, segundo Miguel Lobo Antunes, um dos autores do estudo, que envolveu dois mil participantes, numa amostra estratificada. ●